

OS PARTICIPANTES DO ATO TRADUTÓRIO

Paralelamente – mas não necessariamente vinculada – ao diferencial temporal, observa-se uma configuração situacional mais ou menos distinta entre o primeiro ato comunicativo e o ato tradutório. Tal configuração situacional envolve, de um lado, os instrumentos próprios da comunicação lingüística – códigos, canais – e o referente, que serão objeto de consideração nos capítulos seguintes; de outro, abarca os próprios participantes do ato tradutório, os seus sujeitos, ou actantes.

O esquema comunicativo/tradutório indicado no capítulo anterior distingue Emissor1 (Emissor Original) e Emissor2 (Emissor Tradutor). Embora de uma aparente obviedade, cabe fazer uma precisão. Tratam-se, aqui, de papéis distintos e não necessariamente de pessoas distintas: ou seja, autor e tradutor podem, eventualmente, constituir uma mesma entidade psicofísica. No entanto, por serem os papéis distintos, nesse caso particular tanto quanto na situação mais usual, o momento é outro,

os destinatários são, presumivelmente, outros, e a motivação dificilmente será idêntica.

Em qualquer situação em que ocorre uma interação intersubjetiva – inclusive, mas não apenas, com o suporte do código lingüístico – estabelece-se, entre os participantes (interlocutores), uma rede de relações imagéticas (hipóteses) que, em síntese, pode ser descrita como segue: (a) o *Emissor* comparece à relação com: (i) uma determinada imagem de si mesmo, (ii) uma determinada imagem do mundo (visão de mundo), (iii) uma determinada imagem de situação específica da interação, (iv) uma determinada imagem do(s) seu(s) interlocutor(es), (v) uma determinada imagem da auto-imagem de seu(s) interlocutor(es), (vi) uma determinada imagem da imagem que tal(is) interlocutor(es) se faz(em) do Emissor, (vii) uma determinada imagem da imagem que tal(is) interlocutor(es) se faz(em) do mundo e (viii) uma determinada imagem da imagem que tal(is) interlocutor(es) se faz(em) da situação específica da interação; (b) os *Receptores* têm, cada um por si, (ix) uma determinada imagem de si mesmo, (x) uma determinada imagem do mundo (visão de mundo), (xi) uma determinada imagem da situação específica da interação, (xii) uma determinada imagem do Emissor e, quando for o caso, dos demais interlocutores, (xiii) uma determinada imagem da auto-imagem do Emissor e, sempre quando for o caso, dos demais participantes da interação, (xiv) uma determinada imagem da imagem que tal(is) interlocutor(es) se faz(em) dele, Receptor, (xv) uma determinada imagem da imagem que tal(is) interlocutor(es) se faz(em) do mundo e (xvi) uma determinada imagem da imagem que tal(is) interlocutor(es) se

faz(em) da situação específica da interação (vide Pêcheux, 1969).

Essa rede, obviamente, constitui-se de maneira dinâmica e, desde que se integre às imagens (iii), (viii), (xi) e (xvi) uma intencionalidade de aproximação e estabelecimento (negociado e conciliado, que seja) de uma base comum, pode-se observar, no desdobramento da relação dialógica, constantes ajustes em direção a uma sintonia cada vez mais fina entre os interlocutores.

O princípio geral exposto no que precede aplica-se, igualmente, ao ato tradutório (mesmo entre autor/tradutor que sejam, entre si, *Ego* e *Alter Ego*, quando esse, excepcionalmente, for o caso). Apenas, nessa situação, a rede de relações imagéticas intersubjetivas desdobra-se em dois momentos, em dois atos comunicativos distintos;¹ e, mais comumente, o primeiro Emissor não participa diretamente da relação, mas apenas através de um produto seu que é o texto original.²

Da mesma forma, em um número certamente majoritário dos casos, o receptor final da tradução (seu usuário ou consumidor) encontra-se inacessí-

¹ Tal configuração pode, efetivamente, manifestar-se em outras situações – na realidade igualmente tradutórias mas raramente tidas por tal – como, por exemplo, no curso de um debate em que determinado interlocutor se propõe interpretar a intenção comunicativa de outro em “benefício” de um terceiro. Apenas, no ato tradutório interlingual, esse desdobramento não apenas constitui parte essencial, obrigatória, inevitável do processo, mas, sobretudo, é explícito, enquanto que em outros atos comunicativos será, por via de regra, algo camuflado, aparentemente incidental, esporádico.

² Em certas modalidades de ato tradutório, particularmente na interpretação simultânea ou consecutiva, todos os interlocutores potenciais encontram-se em interação ativa e concomitante.

vel. Ou seja, embora o Receptor-Emissor-Tradutor detenha a possibilidade de afinar sua aproximação com o destinatário intermediário (cliente), o emissor do original e o destinatário último da tradução tenderão a permanecer como hipóteses, como constructos mentais, sem maiores possibilidades de controle exceto, eventualmente, *a posteriori*.

Assim, os participantes mais diretos da relação tradutória são o Receptor-Tradutor, o Emissor-Tradutor e o Receptor-Intermediário. Aqui, novamente, ocorre um desdobramento de papéis, apesar de o tradutor constituir, em ambos os papéis, a mesma entidade psicofísica. Como Receptor, o tradutor pode ser entendido, num primeiro momento, como mais um dos destinatários da mensagem original. E, efetivamente, o tradutor pode ter sido, em algum momento anterior do passado imediato, próximo ou remoto, exatamente isso. No âmbito do ato tradutório, porém, esse Receptor-Tradutor terá uma atitude diversa da do "leitor comum". Nesse papel, a sua leitura se fará não apenas visando uma reconstituição da mensagem, qualquer que seja sua natureza, simples ou composta (referencial e/ou poética e/ou conativa etc.), mas tenderá a constituir uma primeira exploração dos problemas de ordem lingüística (estilo, terminologia etc.) e factual que a tarefa de traduzir o texto em questão lhe irá impor.

De fato, a determinação do tema, do assunto tratado, dir-lhe-á, por exemplo, de que recursos deverá se valer para completar ou preencher suas lacunas de informação (enciclopédias, glossários de termos técnicos, consulta a especialistas etc.) e, em última análise, se tem ou não o direito de se considerar perfeitamente

competente para realizar a tarefa de tradução. A percepção da natureza do texto (literário, jornalístico, técnico, científico, jurídico etc.) implica, ainda, em permitir que o tradutor tome decisões a respeito da necessidade de maior ou menor fidelidade à *forma* ou *estilo* do original e se essa fidelidade será [caracterizada] em relação ao estilo pessoal do autor ou apenas ao tipo de registro característico do gênero de texto em questão. (Aubert, 1981)

Ao assumir, porém, o papel de Emissor², o tradutor vê-se diante de outras contingências. Estabelece, direta ou indiretamente, uma relação comunicativa com os receptores. Consciente ou subconscientemente, tenderá a levar em conta que as condições de recepção dos destinatários da tradução são ao menos parcialmente distintas das condições de recepção vivenciadas por ele, tradutor. Negocia significados e sentidos não mais apenas com o texto original e com o constructo mental que corresponde à sua visão do autor original do texto, mas com outro constructo mental, o de sua visão, unitária ou multifacetada, do conjunto de receptores da tradução que compreenderá do texto, ou, mais precisamente, do novo texto que substituirá o primeiro, na recepção do(s) seu(s) público(s)-alvo. É outra, portanto, a situação comunicativa, são outras as relações intersubjetivas e, assim, necessariamente será outra a abordagem do texto no decorrer da execução do ato tradutório.

Aqui, e conforme ficou caracterizado anteriormente, o interlocutor privilegiado é o Receptor-Intermediário. Este tem (ou teria), entre suas diver-

sas funções: (i) a de estabelecer/negociar o valor da tradução, o resultado de tal negociação tendo consequências diretas para o grau de motivação que impulsionará o tradutor na execução do ato tradutório; e (ii) a de proporcionar ao tradutor um indicativo das intenções e motivações do usuário final da tradução. Nada garante, porém, que as indicações fornecidas terão uma afinidade suficiente com a realidade. Com efeito, seus interesses não são necessariamente coincidentes com a do receptor final da tradução (podem, por exemplo, resumir-se aos interesses estritamente comerciais, enquanto que o receptor final pode comparecer ao texto com uma motivação essencialmente estética), conflito esse nem sempre administrável pelo tradutor, quer pela relação de forças, ou devido à inacessibilidade das informações pertinentes. Nessas relações intersubjetivas, portanto, é possível identificar o que talvez seja uma das principais faixas de risco para a efetivação de um ato tradutório que seja satisfatório aos seus diversos participantes.